

INDICATIVOS AVALIATIVOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO: CRITÉRIOS QUE SUBSIDIAM OS PADRÕES DE WORLD-CLASS UNIVERSITIES

Andreza Cipriani ¹

Caique Fernando da Silva Fistarol ²

Marcia Regina Selpa Heinzle ³

RESUMO

Este estudo teve como objetivo compreender a relação entre os indicativos de internacionalização utilizados em ranqueamentos universitários e os critérios que subsidiam o modelo de World-Class Universities. A metodologia qualitativa exploratório-descritiva utilizou a análise de matrizes de dados dos rankings RUF, ARWU e THE, além de um aporte teórico consolidado. Os resultados demonstram um alinhamento significativo entre os indicadores de internacionalização, predominantemente centrados em pesquisa e produtividade, e os critérios de World-Class Universities, que valorizam talento e recursos. Contudo, as considerações finais apontam que essa abordagem reduz a complexidade da universidade e pode desconsiderar missões sociais e contextos específicos, como o brasileiro, evidenciando a necessidade de uma avaliação mais plural e equitativa.

Palavras-chave: Ranqueamento, Qualidade, Educação Superior, Indicadores.

ABSTRACT

This study aimed to understand the relationship between the internationalization indicators used in university rankings and the criteria that support the World-Class Universities model. The qualitative, exploratory-descriptive methodology used data matrix analysis from the RUF, ARWU, and THE rankings, in addition to a consolidated theoretical framework. The results show a significant alignment between the internationalization indicators, predominantly centered on research and productivity, and the World-Class Universities criteria, which value talent and resources. However, the final considerations point out that this approach reduces the complexity of the university and may disregard social missions and specific contexts, such as the Brazilian one, highlighting the need for a more plural and equitable evaluation.

Keywords: Rankings, Quality, Higher Education, Indicators.

¹ Doutoranda em Educação-FURB, na linha de pesquisa de Formação de Professores, Políticas e Práticas Educativas. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (GEPES). Possui graduação em Química (2014) e mestrado em Química (2016) pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). andrezac@furb.br

² Doutorando em Educação (PPGE/FURB), na linha Formação de Professores, Políticas e Práticas Educativas, bolsista CNPq. Mestre em Educação (PPGE/FURB), na linha Linguagens, Arte e Educação. Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira (UNINTER), Gestão Escolar (Unina), Mídias na Educação (FURG) e Coordenação Pedagógica (UFSC). Licenciado em Letras – Português/Inglês (UNOESC) e Pedagogia (UniÚnica). Docente de Língua Inglesa na Rede Municipal de Blumenau. cfsfistarol@furb.br

³ Doutora em Educação (UNICAMP, 2012), mestre em Educação (FURB, 2002), especialista em Formação de Profissionais de Saúde (ENSP/FIOCRUZ), Dificuldades de Aprendizagem (UNIPLAC) e graduada em Pedagogia (UNIPLAC). Atuou na educação básica como professora e gestora (1989–2004). Na educação superior, foi assessora pedagógica e coordenadora adjunta do PPGE/FURB, onde é professora e pesquisadora. Líder do GEPES-FURB, integra o GIEPES/UNICAMP e a Rede Iberoamericana de Pesquisas em Educação Superior. selpa@furb.br

1. INTRODUÇÃO

A discussão sobre a qualidade da educação superior e seus desdobramentos tem reverberado em políticas de domínio global, nacional e local, evidenciando a complexidade e a diversidade de perspectivas sobre o tema. Para avaliar a qualidade de forma abrangente, é fundamental um olhar amplo que considere o contexto em que as Instituições de Ensino Superior (IES) estão inseridas.

Nesse cenário, a internacionalização emerge como um indicador frequentemente associado à qualidade e um meio para alcançar o modelo de World-Class Universities (WCU). Este modelo, conforme Morosini e Dalla Corte (2021, p. 40), é caracterizado principalmente por três aspectos centrais: "pela presença de talentos humanos, por farto financiamento e governança estratégica". A busca por esses padrões tem levado muitas IES a repensar suas estratégias e a alinhar-se aos critérios de avaliação internacionais.

Sendo assim, as universidades recorrem “regularmente às classificações nos rankings [...] para ajudar a estabelecer e definir metas que mapeiam seu desempenho” (Calderón; Martins, 2019, p. 22). A crescente visibilidade destes rankings tornou-se um elemento central na avaliação e percepção da qualidade educacional em todo o mundo. Contudo, a grande maioria possui forte caráter gerencialista e de performatividade (Lesnieski; Trevisol; Bechi,

2023) o que, por sua vez, implica no fato de o conhecimento passar a ser encarado como uma mercadoria, em contraposição à sua concepção como bem público.

Assim, a análise dos indicativos de internacionalização utilizados em rankings universitários é um processo necessário no atual contexto global. Estes ranqueamentos têm influenciado de maneira significativa as políticas educacionais (Leal; Stallivieri; Moraes, 2018) e exercido uma pressão crescente sobre as universidades para que se enquadrem no modelo de WCU (Haeffner; Zanotto; Guimarães, 2021).

Nesta perspectiva, o presente artigo tem como objetivo compreender a relação entre os indicativos utilizados na avaliação da educação superior e as bases comuns que subsidiam os padrões de universidades de nível internacional. Tal investigação se revela importante para identificar as lacunas existentes entre as práticas de internacionalização desenvolvidas em universidades e os padrões de qualidade pré-estabelecidos pelos ranqueamentos globais.

2. METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória-descritiva. Conforme Gil (2002), a pesquisa exploratória tem o objetivo de proporcionar maior familiaridade com um problema, ao passo que a pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou

fenômeno. A abordagem qualitativa, por sua vez, justifica-se pela análise aprofundada dos critérios e indicadores de internacionalização presentes em diferentes ranqueamentos universitários, buscando compreender suas nuances e a relação com os padrões de WCU.

O caráter exploratório-descritivo se dá, portanto, pela investigação de fontes de dados secundários, como bases de dados e documentos de domínio público, para descrever e analisar os indicadores que subsidiam a avaliação da internacionalização em universidades. Para a construção do corpus analítico, a pesquisa se baseou em matrizes de dados disponíveis em sites e artigos científicos.

A seleção dos rankings universitários que serviram de base para a análise teve como referência inicial listagens com os principais rankings acadêmicos nacionais e internacionais, conforme a literatura especializada (Leal; Stallivieri; Moraes, 2018; Barreyro, 2018) e o *International Ranking Expert Group* (IREG).

Após o levantamento, foram identificados os seguintes rankings: Ranking Universitário Folha de São Paulo (RUF), Guia do Estudante (GE) e rankings do INEP (MEC) (Nacionais) e *Academic Ranking of World Universities* (ARWU), *World University Rankings* (Q&S) e *Times Higher Education World University Rankings* (THE) (Internacionais).

A seleção para a análise se concentrou no RUF (nacional) e no ARWU e THE

(internacionais). A escolha do RUF foi justificada pela falta de detalhamento dos critérios de internacionalização nos rankings do Guia do Estudante e pela ausência de indicadores de internacionalização no cálculo do INEP. A exclusão do Q&S, embora relevante, se deu devido à sua base de critérios ser restrita a áreas específicas e publicações predominantemente em língua inglesa, com uma representatividade limitada de universidades brasileiras.

Como aporte teórico exploramos as obras de autores como Altbach e Salmi (2011) e Haeffner, Zanotto e Guimarães (2021), entre outros, para compreender as relações, desdobramentos e tendências entre os rankings universitários e a base comum de critérios essenciais para a consolidação do status de WCU.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise preliminar dos indicativos avaliativos de internacionalização dos rankings RUF, ARWU e THE selecionados para este estudo evidencia uma forte ênfase na pesquisa acadêmica e na produção de conhecimento como eixos centrais para a mensuração da excelência. As dimensões de cada ranking selecionado, conforme detalhado no quadro 1, são predominantemente quantitativas e voltadas para a produção científica.

Quadro 1– Identificação dos rankings universitários, país de origem e ano, instituições e indicativos para a internacionalização utilizados no ranqueamento.

Identificação do ranking	País de origem e ano de criação	Tipo de ranking	Indicativos avaliativos (dimensões)
RUF	Brasil, 2012	Revista Folha de São Paulo (empresa privada de comunicação)	Citações internacionais por docente (2%); Coautoria internacional (2%)
ARWU	China, 2003	Shangai Jiao Tong University (Universidade)	Quality of Faculty: Highly Cited Researchers (HiCi) (20%); Research Output: Número de artigos publicados nos periódicos Nature e Science (N&S) (20%); Número de artigos indexados ao Expanded –Social Science Citation Index (PUB) (20%)
THE	Reino Unido, 2010	Times Higher Education (revista especializada em educação internacional) e Elsevier	Research: Reputation survey (18%); Research income (6%); Research productivity (6%); Citations: Research influence (30%); International outlook; Proportion of inter. Students (2.5%); Proportion of inter. Staff (2.5%); International collaboration (2.5%)

Fonte: elaborado pela autora (2025) a partir dos dados do RUF (2023), ARWU (2023) e THE (2023).

O RUF é uma avaliação com periodicidade anual que acontece desde 2012, onde são avaliados os 40 cursos com mais ingressantes no Brasil de acordo com o Censo da ES e as 196 universidades brasileiras, entre públicas e privadas, mais bem conceituadas em cinco indicadores (pesquisa, ensino, inovação, internacionalização e mercado) (RUF, 2023). Este visa especificamente uma avaliação mais contextualizada e assertiva das universidades brasileiras, o que não é alcançado pelos rankings internacionais devido a disparidade de contextos. Sendo assim, o indicativo avaliativo de internacionalização para o ranking RUF refere-se ao ranqueamento de universidades do país, mais especificamente os cursos de graduação, com pesquisa acadêmica mais internacionalizada (RUF, 2023).

O ARWU, também conhecido como o ranking de Shanghai, foi criado pela Shanghai Jiao Tong University em 2003 (ARWU, 2023), como parte do esforço chinês para ter em seu país WCU, em parte para diminuir o fenômeno conhecido como “fuga de cérebros”, assim estabelecendo critérios de excelência para ranqueamento universitário (Liu, 2015).

O THE fundado em 2004 é publicado em parceria com a Elsevier, solicitando informações diretamente às universidades. É um dos únicos rankings que avaliam o desempenho global das universidades em todas as suas missões principais: ensino, pesquisa, transferência de conhecimento e perspectiva internacional. No total, mais de 900 universidades são ranqueadas entre cerca de 80 países (THE, 2023).

Mais especificamente o RUF foca em coautoria internacional (2%) e citações internacionais por docente (2%), sendo estes elementos relacionados exclusivamente à pesquisa. A restrição dos indicadores de internacionalização a apenas elementos de pesquisa pode ignorar a complexidade e a riqueza de um processo que envolve a pesquisa, o ensino, a extensão e a experiência de toda a comunidade acadêmica. Nesse sentido, a mobilidade de estudantes, a presença de professores visitantes, o ensino em outros idiomas e os convênios para dupla titulação, por exemplo, são elementos que não são considerados ou recebem pouca atenção na metodologia utilizada pelo RUF.

O ARWU mede a "Qualidade do Corpo Docente" (*Quality of Faculty*) com base em *Highly Cited Researchers* (HiCi) (20%) e o "Resultado da Pesquisa" (*Research Output*) por meio de artigos em periódicos de prestígio como Nature e Science (20%) e a indexação de artigos no *Expanded –Social Science Citation Index* (20%).

O ARWU neste sentido se concentra fortemente em métricas de pesquisa de alto impacto. Assim, ao avaliar a quantidade de pesquisadores altamente citados e o número de artigos publicados em revistas de grande prestígio como a Nature e a Science, mesmo sem um indicador explícito de internacionalização, este ranking avalia a internacionalização por meio da avaliação da excelência em pesquisa.

Já o THE possui uma abordagem mais diversificada, mas ainda com um peso significativo na pesquisa e citação de artigos. Em contraste com outros rankings, dedica uma parcela menor de sua avaliação à internacionalização. No entanto, sua abordagem é abrangente, combinando a presença internacional com a colaboração em pesquisa.

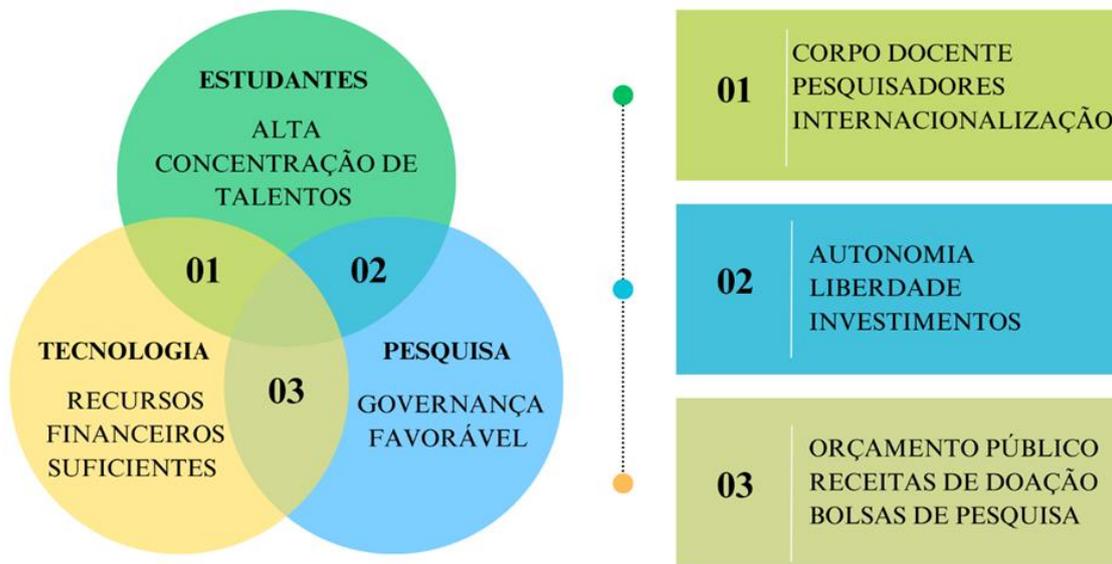
Os dois primeiros indicadores do THE (Pesquisa e Citação) focam na capacidade da universidade de atrair talentos globais. Eles medem a proporção de estudantes estrangeiros em relação aos nacionais e a quantidade de estudantes estrangeiros por funcionário. Para o THE, essa atração de estudantes e professores de todo o mundo é um sinal de sucesso e prestígio global. O terceiro indicador (colaboração internacional), avalia o impacto da pesquisa da universidade. Ele considera a porcentagem de publicações que contam com a participação de pelo menos um coautor de outro país. Essa métrica, portanto, mede a inserção da universidade em redes de pesquisa globais.

Essa centralidade em dimensões de pesquisa e publicações científicas observados nos três rankings analisados alinha-se diretamente com o conceito de WCU, que, conforme Altbach e Salmi (2011) e Haeffner, Zanotto e Guimarães (2021), define uma universidade de excelência pela sua capacidade de produzir pesquisa relevante e inovadora. O modelo de WCU é marcado pela alta concentração de talentos (docentes e discentes

altamente qualificados), pela abundância de recursos e por uma governança estratégica

(Salmi, 2009; Thiengo e Bianchetti, 2018) conforme identificado na Figura 1.

Figura 1 – Base comum de critérios essenciais para a consolidação do status de World-Class Universities.



Fonte: elaborada pela autora (2024) a partir de Altbach e Salmi (2011).

Nas WCUs se produz pesquisa relevante e inovadora, contemplando equipes internacionais de docentes e discentes, equipadas para desempenhar um papel de liderança no mundo científico e tecnológico (Lee e Calderón, 2021). Portanto, os indicadores avaliativos de internacionalização utilizados pelos rankings, ao valorizarem a produção de pesquisa de alto impacto e a colaboração internacional, funcionam como proxies para essas características. A presença de pesquisadores altamente citados ou a publicação em revistas de renome é entendida como um reflexo direto da excelência acadêmica e da

capacidade da universidade em atrair e reter talentos.

Essa perspectiva, contudo, reforça o que a literatura denomina de "capitalismo acadêmico" e "produtivismo acadêmico" (Santos Filho, 2020), onde a internacionalização é percebida como uma competição por mercados educacionais. Os rankings atuam como instrumentos de marketing, promovendo a ideia de que a excelência está intrinsecamente ligada à produtividade quantificável da pesquisa. Leal, Stallivieri e Moraes (2018) reforçam que essa métrica reflete o instrumentalismo econômico que permeia a internacionalização da educação superior global, onde o ensino e a pesquisa são

valorizados principalmente pelo seu caráter quantificável no cenário transnacional.

A análise da relação entre os indicadores dos rankings e os critérios de WCU também revela os desafios e as particularidades do contexto brasileiro e latino-americano. Embora o desenvolvimento de WCUs seja um horizonte de crescimento para países em desenvolvimento (Altbach e Salmi, 2011), a realidade brasileira é marcada por um sistema elitista, com baixa taxa de acesso à educação superior e concentração de universidades de pesquisa nas regiões Sul e Sudeste (Morosini, 2021). A inserção da internacionalização nas universidades federais, por exemplo, tem sido predominantemente induzida e regulamentada pelo Estado (Lima e Contel, 2009), com um formato próprio que nem sempre se alinha aos modelos globais.

Apesar de universidades como Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) serem apontadas por estudos (Pilatti e Cechin, 2018) como as que possuem maior perspectiva de se tornarem WCUs, o Brasil ainda atua de forma "subserviente" no sistema global de conhecimento (Haeffner, Zanotto e Guimarães, 2021), com um foco na internacionalização centrada nas ações de mobilidade (*mobility out*).

Essa estratégia, embora importante, não necessariamente se traduz em um alto desempenho nos indicadores de pesquisa dos rankings, que demandam colaborações de alto

impacto e publicações em periódicos específicos. A distinção feita por Thiengo e Bianchetti (2020) entre universidade internacionalizada (que possui ações de internacionalização) e universidade de classe mundial (que detém o status de excelência) torna-se crucial nesse ponto.

Um aspecto recente e relevante na discussão é o impacto da pandemia de Covid-19, que, conforme Dalla Corte, Morosini e Felicetti (2022), acelerou a articulação de estratégias de Internacionalização em Casa (IaH). Essa modalidade, por meio de parcerias e atividades virtuais (aulas, seminários, bancas), passou a ser a principal forma de internacionalização. No entanto, os indicadores tradicionais dos rankings não capturam a totalidade e a diversidade dessas novas ações, focando em métricas que refletem uma dinâmica anterior à digitalização acelerada da academia.

Em suma, a relação entre os indicadores dos rankings e as bases de WCU é de forte alinhamento, com a pesquisa e o talento como critérios preponderantes. No entanto, a discussão revela uma discrepância entre o modelo idealizado e a realidade de países como o Brasil, onde os esforços de internacionalização, muitas vezes induzidos por políticas estatais ou impulsionados por conjunturas como a pandemia, não são totalmente refletidos ou valorizados pelas métricas globais. Essa análise crítica é essencial para entender não apenas o que é considerado

uma WCU, mas também as barreiras e os desafios que as universidades brasileiras enfrentam na busca por esse status.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender a relação entre os indicativos de internacionalização utilizados na avaliação da educação superior e as bases comuns que subsidiam os padrões de universidades de nível internacional. A análise dos indicadores dos rankings RUF, ARWU e THE revelou um alinhamento significativo com o modelo de WCU, o qual prioriza a produção de pesquisa de alto impacto, a captação de talentos e a obtenção de recursos financeiros. Esses resultados apontam que a internacionalização como medida de qualidade, nesse sistema, é predominantemente mensurada por métricas quantitativas e de fácil aferição.

No entanto, o estudo também demonstrou que essa lógica de ranqueamento, embora possa impulsionar a busca por excelência e reputação, carrega consigo sérias implicações. A análise crítica dos indicadores evidenciou o risco de homogeneização de modelos e a reprodução de padrões hegemônicos, que muitas vezes desconsideram as particularidades do contexto brasileiro e latino-americano. A valorização excessiva de publicações em periódicos de alto impacto, por exemplo, pode levar as universidades a desvalorizar missões igualmente fundamentais,

como o engajamento comunitário, a inovação local e a formação cidadã, que são inerentemente mais difíceis de quantificar (Marginson e Ordorika, 2011; Hazelkorn, 2015).

As evidências apresentadas reforçam a ideia de que os indicadores de mensuração, ao se pautarem em dados numéricos, inserem as instituições em um quadro comparativo e desigual (Corte e Mendes, 2020). Essa abordagem, conforme Morosini et al. (2016) aponta uma falha em capturar características qualitativas e contextuais importantes, como o empenho e o entusiasmo de uma comunidade acadêmica.

Em síntese, o trabalho conclui que, embora os indicadores de internacionalização dos rankings sejam ferramentas úteis para a análise da produtividade acadêmica, eles representam uma visão parcial e economicista da qualidade universitária. É urgente a necessidade de dialogar em defesa de uma perspectiva mais pluralista para a educação superior (Azevedo e Caseiro, 2022), que englobe tanto a visão econômica quanto a social, e que promova uma avaliação mais justa e equitativa. A combinação de indicadores de desempenho com parâmetros que considerem as diferenças contextuais, a diversidade e as práticas interculturais são fundamentais para promover uma educação de qualidade verdadeiramente inclusiva, capaz de responder aos desafios e responsabilidades que se colocam para as políticas de educação superior na atualidade.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo indispensável apoio financeiro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIC RANKING OF WORLD UNIVERSITIES. Shanghai Ranking Consultancy: ARWU, 2023. Disponível em: <https://www.shanghairanking.com/rankings/arwu/2023>. Acesso em: 10 nov. 2023.

ALTBACH, Philip G.; SALMI, Jamil (Ed.). **O caminho para a excelência acadêmica: a construção de universidades de pesquisa de classe mundial**. Publicações do Banco Mundial, 2011.

AZEVEDO, Alexandre Ramos; CASEIRO, Luiz Carlos Zalaf. A qualidade da oferta e do acesso ao ensino superior de graduação no Brasil segundo as estratégias das metas 12 e 13 do Plano Nacional de Educação. **Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais**, Brasília, v. 6, p. 233-274, 2022.

BARREYRO, Gladys Beatriz. A avaliação da educação superior em escala global: da acreditação aos rankings e os resultados de aprendizagem. Avaliação: **Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), v. 23, p. 5-22, 2018.

CALDERÓN, A.; MARTINS, E. C. (Orgs.). **Rankings acadêmicos e governança universitária no espaço do ensino superior de língua portuguesa: Angola, Cabo Verde, Macau, Moçambique, Portugal e Brasil**. Brasília, Anpae, 2019. ISBN: 978-85-87987-26-6.

DALLA CORTE, M. G.; MOROSINI, M. C.; FELICETTI, V. L. Internacionalização da educação superior na perspectiva sul-sul: movimentos e contextos emergentes em tempos pandêmicos. *Revista Internacional de Educação Superior*, Campinas, v. 8, 2022. <https://doi.org/10.20396/riesup.v8i0.8663797>. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2446-94242022000100109&script=sci_arttext. Acesso em 16 fev. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HAEFFNER, Cristina; ZANOTTO, Sônia Regina; GUIMARÃES, Jorge Almeida. Internacionalização da universidade brasileira. Desafios e perspectivas na busca pelo padrão de universidade de classe mundial. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 17, n. 37, p. 1-28, 2021.

HAEFFNER, Cristina; ZANOTTO, Sônia Regina; GUIMARÃES, Jorge Almeida. Internacionalização da universidade brasileira. Desafios e perspectivas na busca pelo padrão de universidade de classe mundial. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, v. 17, n. 37, p. 1-28, 2021.

HAZELKORN, Ellen. Globalization and the reputation race. In: **Rankings and the reshaping of higher education: The battle for world-class excellence**. London: Palgrave Macmillan UK, 2015. p. 1-25.

IREG OBSERVATORY ON ACADEMIC RANKING AND EXCELLENCE. IREG Guidelines for Stakeholders of Academic Rankings. 2025. Disponível em <https://ireg-observatory.org/en/>. Acesso em: 13 ago. 2025.

LEAL, Fernanda Geremias; STALLIVIERI, Luciane; MORAES, Mário César Barreto. Indicadores de internacionalização: o que os Rankings Acadêmicos medem?. **Revista**

Internacional de Educação Superior, v. 4, n. 1, p. 52-73, 2018.

LEE, R. T.; CALDERÓN, A-I. O desafio de estabelecer universidade de classe mundial. *Revista Internacional de Educação Superior*, v. 7, p. e021006-e021006, 2021. <https://doi.org/10.20396/riesup.v7i0.8655153>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8655153>. Acesso em: 11 maio 2024.

LESNIESKI, Marlon Sandro; TREVISOL, Marcio Giusti; BECHI, Diego. Gerencialismo e Performatividade na Educação Superior: apontamentos sobre a incorporação de uma cultura neoliberal. **Revista de Educação Pública**, v. 32, 2023.

LIMA, M. C.; CONTEL, F. B. Períodos e motivações da internacionalização da Educação Superior brasileira. In: COLLOQUE DE L'IFBAE, 5., 18-19 maio 2009, Grenoble. Anais [...]. Grenoble, 2009. Disponível em: https://ifbae.s3.eu-west-3.amazonaws.com/file/congres/2009_B0095.pdf. Acesso em: 1 fev. 2024.

LIU, N. C. The story of Academic Ranking of World Universities. *International Higher Education*, Chestnut Hill, MA, v. 54, p. 2-3, Winter 2015. <https://doi.org/10.6017/ihe.2009.54.8409>. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/8409>. Acesso em: 12 maio 2024.

MARGINSON, Simon; ORDORIK, Imanol. El central volumen de la fuerza “(The hegemonic global pattern in the reorganization of elite higher education and research). United States Social Sciences Research Council (SSRC), SSRC, New York, 2011.

MOROSINI, M. C.; DALLA CORTE, M. G. Internacionalização da educação superior. 2021. In: MOROSINI, M. C. (org.).

Enciclopédia Brasileira de Educação Superior, EdIPUCRS, v. 2, 2021. 448 p.

MOROSINI, MARILIA COSTA et al. A qualidade da educação superior e o complexo exercício de propor indicadores. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2016, vol.21, n.64, pp.13-37. ISSN 1809-449X. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782016216402>.

MOROSINI, Marília. Internacionalização da educação superior no Brasil e desafios no contexto do sul global. **Revista Educación Superior y Sociedad (ESS)**, v. 33, n. 1, p. 361-383, 2021.

PILATTI, Luiz Alberto; CECHIN, Marizete Righi. Perfil das universidades brasileiras de e com potencial de classe mundial. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior* (Campinas), v. 23, n. 1, p. 75-103, 2018.

RANKING UNIVERSITÁRIO FOLHA. Como é feito o RUF. 2023. Disponível em: <https://ruf.folha.uol.com.br/2023/ranking-de-universidades/principal>. Acesso em: 11 maio 2024.

SALMI, Jamil. The challenge of establishing world-class universities. World Bank Publications, 2009.

SANTOS FILHO, J. C. dos. Internacionalização da educação superior: redefinições, justificativas e estratégias. *Série-Estudos, Campo Grande, MS*, v. 25, n. 53, p. 11-34, jan./abr. 2020. <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v25i53.1383>. Disponível em: <https://bit.ly/3IzVHFT>. Acesso em: 28 nov. 2022.

THIENGO, L. C.; BIANCHETTI, L. Universidades internacionalizadas ou Universidade de Classe Mundial? Problematizações e tendências a partir do contexto latino-americano. *Série-Estudos*, v.



REI
ISSN 1984-431X

Revista Eletrônica Interdisciplinar
Barra do Garças – MT, Brasil
Ano: 2025 Volume: 17 Número: 2

25, n. 53, p. 81-102, 2020.
<https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v25i53.1390>. Disponível em:
<https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/1390>. Acesso em: 24 maio 2023.

THIENGO, Lara Carlette; BIANCHETTI, Lucídio. Universidades de classe mundial e a ideologia da excelência: tendências globais e locais. **Educação em Perspectiva**, v. 9, n. 2, p. 241-258, 2018.

TIMES HIGHER EDUCATION. World University Rankings 2023. Disponível em:
<https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/2023/world-ranking>. Acesso em: 11 maio 2024.